

# DIREITO À IMAGINAR

## Três caminhos para pensar as relações do corpo com o mundo

*RHIGT TO IMAGINE  
Three paths to consider  
the relationships between the body and the world*

**Isabella Falk dos Santos<sup>1</sup>**

### Resumo

Este artigo visa a aplicação da *black methodology* como caminho à resposta da relação do corpo com o mundo. O que se propõem é a acumulação textual como método de contraponto ao conhecimento *tradicional*, tendo como resultado três diferentes textos que objetivam dar dimensão ao método. A resposta versa com a ideia de escala na arquitetura (escala humana) utilizando o corpo de Calunga (fabulação crítica) como mediador das relações do texto acadêmico com as múltiplas possibilidades de conhecimento existentes na diáspora africana.

Palavras-chave: corpo, mundo, esquinas, black methodology, escala.

### Abstract

*This paper aims at the application of the black methodology as a way to respond to the body's relation with the world. What is proposed is textual accumulation as a counterpoint method to traditional knowledge, resulting in three different texts that aim to give dimension to the method. The answer deals with the idea of scale in architecture (human scale) using Calunga's body (critical fabulation) as a mediator of the academic text's relations with the multiple possibilities of knowledge existing in the African diaspora.*

*Keywords: body, world, corner, black methodology, scale.*

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista, especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Positivo (UP), graduada pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Participou do grupo de pesquisa em Mobilidade Urbana no Centro de Joinville pelo Centro universitário Católica de Santa Catarina. Mestranda pelo curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAU UFES) como bolsista (CAPES), vinculada como pesquisadora ao Núcleo de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo da UFES (NAU UFES).



Imagem 1 - Reflexões, os três textos. Fonte: Autora, 2023.

### Introdução

O presente artigo é resultado dos desdobramentos do exercício proposto pela disciplina de Narrativas Cartográficas do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFES (PPGAU-UFES) em curso, e apoiado pela fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os estudos e métodos aplicados também passaram a ser parte integrante da dissertação em curso no mesmo programa com relação ao estudo do sujeito da pesquisa e sua construção dentro da diáspora.

O exercício de pensar alternativas para a prática acadêmica, e a compreensão de suas origens, foram colocados como essenciais para compreender a ciência na diáspora. Começar a pensar caminhos estruturados como respostas subversivas as formas tradicionais de produção, demonstram as possibilidades de novos futuros. As principais questões estão na estrutura teórica da construção das disciplinas – arquitetônicas – face a um discurso profundamente enraizado na eurocentração.

Utilizar a *black methodology* sistematizada por McKittrick (2022), como exercício prático da construção de uma literal biblioteca teórica de origem diaspórica demonstra a importância do olhar para a produção feita dessa maneira. Ler outras fontes, anotar e mapear diferentes práticas e reforçar o poder do que já se tem como referência e às teorias que já foram criadas. Principalmente perceber que o texto e a produção do conhecimento têm outras formas de existirem na prática e mobilizam saberes muito mais profundos do que se tem posto como *tradicional*.

Assim o que se buscou foi a aplicação do método através de três diferentes produções textuais: um texto alfabético (que resultou em um caderno – Postados nas esquinas do mundo), de um texto não-alfabético (que resultou em – Calunga), e de um texto cartográfico (que resultou em um vídeo – Direito à imaginar). E essa divisão entre textos é meramente formal – e segue a proposta do desenvolvimento do exercício de narrativas cartográficas proposto pela disciplina já mencionada –, pois todos se complementam e se entrecruzam, ao mesmo tempo que em que podem ser lidos separadamente. Assim o que se segue é a apresentação da construção do exercício (Imagem 1), a aplicação do método, o desenvolvimento da pesquisa, discussões sobre a aplicação, resultados e por fim, uma reflexão sobre o percurso desenvolvido.

## Direito à **imaginar** cidade

Na manhã que antecede o dia de saudar o Rei, a cidade se torna um quiabaí. Por todos os cantos e ruas, vendedores, moços e velhos, oferecem quiabos frescos, graúdos e belos, já ensacados.

Ai de quem disser com os olhos que gostaria de escolher os quiabos. O vendedor responderá, também com o olhar, que os quiabos já são selecionados, afinal, destinam-se à mesa do Rei.

Quando, desconfiada, a compradora chegar à casa com o pacote fechado e só de pirraça quebrar as pontas do que se transformará na comida real, verificará que todos estão mesmo bons.

Vencida, compreenderá que aqueles vendedores de quiabo são súditos do Rei **postados nas esquinas do mundo**, devotados a honrar o nome dele pela palavra empenhada na qualidade do quiabo.

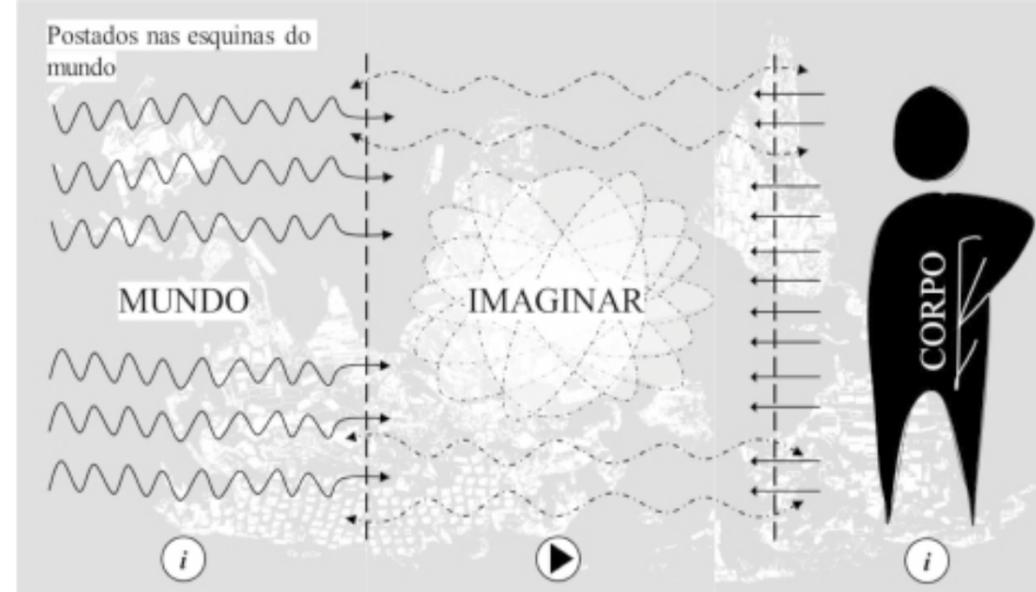
### O direito à cidade

“A leitura expande nosso diálogo com o mundo”  
- Cidinha da Silva

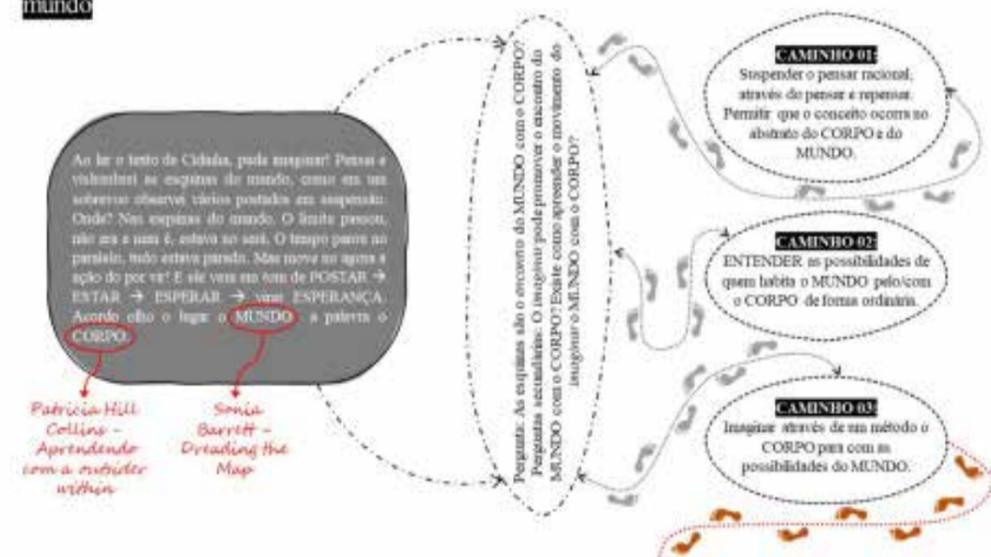
Como parte integrante dos desenvolvimentos de conhecimento propostos no percurso da disciplina Narrativas Cartográficas, um exercício foi elaborado. A referência bibliográfica foi o texto de Cidinha da Silva (2018) “Direito à cidade” (Imagem 2) – parte integrante de sua obra O homem azul do deserto – que trouxe uma reflexão importante sobre como se vê a cidade. Assim dever-se-ia registrar uma palavra e um lugar, remetidos ao leitor durante a leitura do texto.

Após pensar esses elementos, uma pergunta seria o resultado provocativo da reflexão. A partir dessa pergunta as respostas para ela poderiam ser percorridas por três caminhos distintos, formulados como parte da prática. A primeira parte do exercício provocou pensamentos advindos conjuntamente das leituras das referências bibliográficas da disciplina de Narrativas Cartográficas, e, cada uma foi acumulada como registro e pistas (*prompts*) que comporiam o seu posterior desenvolvimento (Imagem 3 e 4).

A seguir o registro do processo do exercício é exposto, onde inicia-se com a reflexão sobre o texto Direito à Imaginar, seguido pela apresentação da palavra e do lugar que



### Postados nas esquinas do mundo

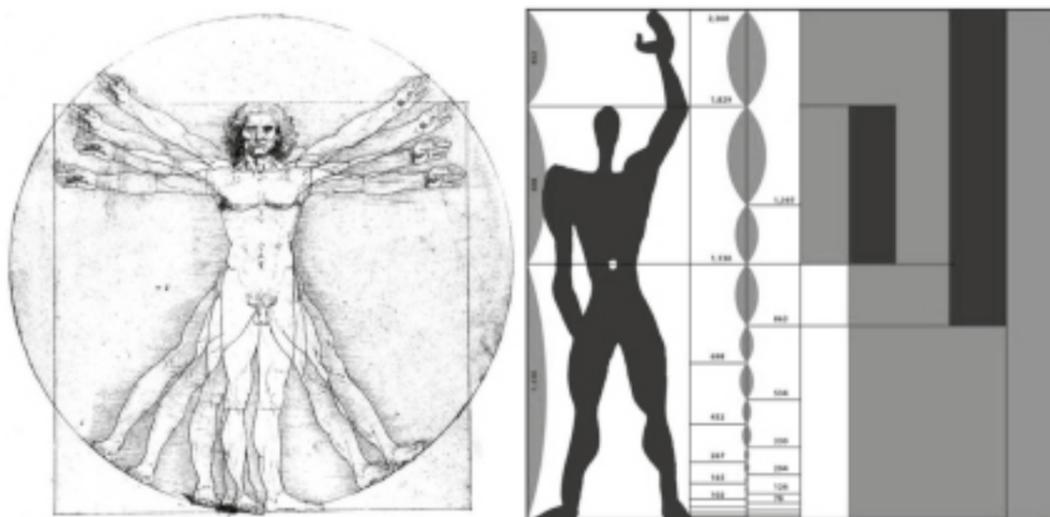


surgiram com essa reflexão. Como já abordado a palavra e o lugar levaram a uma pergunta, e essa, gerou três possíveis caminhos à serem percorridos para respondê-la, utilizando-se o método da *black methodology* como estruturador.

### Postados nas esquinas do mundo!

Ao ler o texto de Cidinha, pude imaginar! Pensei e vislumbrei as esquinas do mundo, como em um sobrevoo observei vários postados em suspensão. Onde? Nas esquinas do mundo. O limite passou, não era e nem é, estava no será. O tempo parou no paralelo, tudo estava parado. Mas move no agora a ação do por vir! E ele vem em tom de POSTAR → ESTAR → ESPERAR → virar ESPERANÇA. Acordo olho o lugar o MUNDO a palavra o CORPO.

Pergunta: As esquinas são o encontro do MUNDO com o CORPO?  
Perguntas secundárias: O *imaginar* pode promover o encontro do MUNDO com o CORPO? Existe como apreender o movimento do *imaginar* o MUNDO com o CORPO?  
CAMINHO 01: Suspende o pensar racional, através do pensar e repensar. Permitir que o conceito ocorra no abstrato do CORPO e do MUNDO.  
CAMINHO 02: ENTENDER as possibilidades de quem habita o MUNDO pelo/com o CORPO de forma ordinária.  
CAMINHO 03: Imaginar através de um método o CORPO para com as possibilidades do MUNDO.



**CAMINHO 03:** Imaginar através de um método o **CORPO** para com as possibilidades do **MUNDO**.

A decisão foi a de seguir o terceiro caminho para os avanços das etapas seguintes. Seguindo pelo caminho 03: Identificar uma forma de ler o **CORPO** no **MUNDO**, compreendendo o espaço do **CORPO** e como esse interage com e através do **MUNDO**. Pensar através de outras possibilidades de exploração desse conceito correlacionando os conhecimentos prévios em arquitetura em diálogo com a arte, o cinema, o design, as práticas cotidianas etc.

### A **black methodology**

A prática de reunir múltiplos textos, histórias, canções e lugares envolve o difícil trabalho de pensar e aprender em vários lugares, e assim conhecer, generosamente, mundos e ideias variados e mutáveis.

- Katherine McKittrick

O método aplicado segue o que propõe McKittrick (2022), ao abordar a *black methodology* (imagem 04) a autora aponta que a acumulação textual é uma forma de subversão ao pensamento acadêmico que propõem uma análise exclusiva dos fatos através da observação do cientista eurocentrado branco. A acumulação textual por sua vez tem por objetivo a organização e sistematização de diversas fontes e formas de textos (não necessariamente alfabéticos, mas também: músicas, poemas, sons, vídeos, etc.). Interessante notar as origens geográficas (Imagem 5) dos textos do referencial teórico – que passam a inserir o discurso também em novas lógicas globais – que estruturaram a construção do exercício desenvolvido.

O objetivo dessa produção e aplicação de método foi responder à pergunta construída durante os desdobramentos do exercício de Narrativas Cartográficas. Usando a *black methodology* não apenas o texto científico tornou-se multifacetado, mas a própria aplicação do método produz outras formas textuais.

A partir da criação de uma personagem, surge uma escultura que é a sua materialização, um vídeo que conta sua história de formas conceitual, e um caderno que é composto por um dicionário interpretativo que forma o percurso cartográfico da *persona* e sua construção anatômica como um manual.

Para a construção de cada um destes textos finais foram aplicados diferentes métodos e referências que estruturaram estes desdobramentos. A escultura se utiliza da ficção visionária como método, proposto por Imarisha (2016) em seu texto “Reescrevendo o futuro”. A criação dessa personagem e sua história apontam a ideia de subversão da escala arquitetônica *tradicional* (escala humana) do Homem Vitruviano (Leonardo da Vinci, 1490) e do El Modulor (Le Corbusier 1948) que centravam a ideia de escala e proporção ideal na tríade homem, europeu e branco (Imagem 06).

Quando se lida com o semelhante, inevitavelmente se procura simetria, isto é, as correspondências. Ao esperar simetria - ou procurar por semelhanças -, é possível imaginar (recompôr) o contexto sob observação como uma figura fractal. Isto é, em vez de procurar conexões casuais (lineares), o pensamento composicional busca identificar um padrão que se repete em diferentes escalas (SILVA, 2016, p.4).

O vídeo ancorou-se nas referências estéticas visuais do filme “Summer Flowers”, Wolf (2019), nos recortes a diretora sobrepõe um vídeo ao outro e projeta-os em elementos comuns de uma casa (cortinas, portas, janelas, etc). Por fim o caderno tem por inspiração o livro “Under de Knife”, Franklin (2018) e o texto de Gonzales (1988) “A categoria político-cultural de amefricanidade”.

Como costura dos *prmopts* a *black methodology* amarra-os e os organiza-os para a produção do conhecimento acadêmico, agora subvertido. O pano de fundo conceitual as demais inspirações também surgem como uma construção, compartilhada em diversos momentos, para surgir como elementos fundamentais e inspirações.

### Ficção visionária: O lugar do corpo no mundo

“E sonhá-lo coletivamente significa que podemos começar a trabalhar para fazê-lo existir.”

- Walidah Imarisha

Utilizado a abordagem da ficção visionária proposta por Imarisha (2016) a história de

Calunga é contada. A personagem que tem o papel de mediadora entre o corpo e o mundo, a escala humana com a arquitetônica, parte em um percurso de descobertas. A alusão desse percurso encontra-se na metáfora entre os conhecimentos, muitas vezes ignorados dentro da academia, mas que são fundamentais para a compreensão científica e sua inserção na diáspora.

### O lugar do corpo no mundo

“Mais uma vez na mão de um alguém, ela apareceu sobre uma folha.  
- de novo ao lado de linhas e sombras...”

O que aquilo significava? Qual o motivo de novamente figurar ao lado do que não faz sentido? Ela não sabia, mas tinha muitas formas. Era chamada de escala humana. Cada microssegundo que percorria e *puff*, lá estava ela ao lado das linhas novamente. Impaciente de seu papel mediador começou a notar que queria entender seu sentido. Levantou-se da folha, olhou ao que se prestava. Sentou-se e pensou. Se sou um corpo, o que represento? O que devo representar? Andou, correu e percorreu o mundo, viu de cima por um tempo, mas decidiu descer para ver de perto.

Ao atingir o solo caminhou por um tempo e de repente algo lhe atingiu e uma fresta começou a aparecer no meio de seu peito, ela já havia visto esse tipo de fresta, ao menos ela tinha essa lembrança. A fresta cresceu e se tornou porta, de onde estava podia ouvir diversos sons. Por um momento refletiu se deveria abrir ou manter fechada a porta que tinha em seu peito. Mas logo pensou, foi para isso que saí de onde estava, para entender.

Abaixou a cabeça em direção ao seu peito e que cena linda que viu, que sons que pela primeira vez ouviu. Quem ela pode ver! Se entreteu nesse cenário por um tempo e resolveu voltar, quando olhou para seu corpo ele já não era mais uma impressão, ele tinha volume e em todo ele, começou a surgir palavras que hora eram extensas, hora eram códigos e essas palavras eram sons carregados de significado. A cor que ela via por debaixo das palavras era de um vermelho escarlate, ela notava que seu corpo convulsionava, pulsava, mas nada feria. Um zumbido fez parar sua admiração pelo seu reflexo. Era a porta, algo como um barulho ancestral começou a ressoar, sua cabeça foi em direção ao peito e ela pode contemplar o rotacionar do mundo, a lua e suas fases. Ficou paralisada como uma espectadora, assistindo o que estava acontecendo.

Ergueu a cabeça. Ela estava mais pesada que o normal, procurou um lugar para se ver. Sua cabeça era como um globo esquartejado, com marcações dos lugares que já havia percorrido e mar e terra não eram mais divisores, mas fundiam-se em harmonia em uma dança hipnotizante, pensou ela, *se em algum momento já foram dois hoje estão melhor como um.*

Novamente ouviu barulhos que vinham da porta, como um vai e vem, ela podia ouvir o líquido, era o mar? Abriu a porta curvou sua cabeça novamente para ver o que se passava, entrou em choque, era deslumbrante, o cosmo se fundia com o mar em um movimento uníssono. Foram anos admirando aquela paisagem, visitando todas as esquinas do mundo. Até que um dia resolveu retornar sua cabeça ao lugar.

O que viu ali agora como seu reflexo, em seu corpo, novas palavras, pareciam infinitas, em todos os lados, mas e ela também viu que se abriram olhos, olhos que já viram outros lugares, outros cenários incríveis. Ela parou de ouvir sons da porta. O silêncio era completo nada mais saía daquela porta, resolveu investigar o que estava acontecendo, abaixou sua cabeça e espiou, mas dessa vez ela não ficou mais como espectadora,



Imagem 7 - Percursos de Calunga. Fonte: Autora, 2023.

ela entrou como um supetão de corpo inteiro para dentro da porta. *Zupt*. Nunca mais se viu Calunga sobre o mundo, mas nunca mais deixou-se de ver Calunga, ela estava agora com o mundo e assim como mar e terra partiram a ser um, Calunga se fez uma com o mundo.”

Calunga se propõem agora a mediar o acadêmico teórico “tradicional” com o texto diaspórico, que mobiliza diferentes métodos para uma construção subversiva do conhecimento. Assim ela tem o desafio de marcar em seu próprio corpo o que transformou sua forma de se perceber no mundo e os caminhos que se propõem a trilhar (Imagem 7). Esses conceitos que a marcam formam o percurso discursivo que o Calunga reúne em seu corpo.

A sistematização desses conceitos de forma alfabética, seguindo a estrutura de um dicionário tem por objetivo organizar a origem das palavras dentro da sua etimologia e seus significados na língua portuguesa. Além da organização “tradicional” em glossário, as palavras foram combinadas em códigos. Cada letra tem uma representação imagética que versa aos sons que as compõem. A imagem tem por objetivo traduzir o som e codificar de uma forma subversiva a ordem alfabética.

É certo que a presença negra na região caribenha [...] modificou o espanhol, o inglês e o francês falados na região [...]. Ou seja, aquilo que chamo de “pretoguês” e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...]. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o *l* ou o *r*, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (GONZALES, 1988, p.2).

A proposta do dicionário de Calunga é exatamente essa, compreender a língua como uma combinação não apenas de origem latina, para além da própria língua portuguesa. É a compreensão de que o que se tem como idioma hoje no Brasil é a miscelânea diaspórica, inscrita nas múltiplas formas da comunicação, o gesto, o som, o volume, ritmo, etc.

## Construir uma escala

Aceitar as diferenças é certamente perturbar a hierarquia da escala  
- Édouard Glissant

As várias formas de construção do conhecimento acadêmico permitem uma nova leitura de mundo? O que pareceu ao aplicar o método, que tem como objetivo a mobilização de diversas práticas textuais que não apenas a acadêmica “tradicional”, são as possibilidades que a subversão do que se impõem tem como resultado no percurso da descoberta científica (HARAWAY, 1988). Além de colocar o pesquisador em uma nova perspectiva de compreensão do que se estuda e como se estuda essa metodologia permite uma complementariedade ao que se propõem como o entendimento da própria forma de pensar a academia. Assim além de ver pelo prisma teórico também se pratica, se coloca como parte do que se pretende investigar como fenômeno.

Entender um aspecto tão amplo quanto a questão do corpo na disciplina arquitetônica e o lugar desse corpo no mundo em um primeiro momento seria um desafio quase inesgotável, mas que quando organizado e explorado por novas fontes (prompts) de investigação, demonstram que a escala é relativa. Glissant (1995) aborda a ideia da própria extinção da escala ao falar “Mas talvez seja preciso que nós terminemos com a própria ideia escala.”

A relação aqui não está posta no vago, mas justamente na compreensão das múltiplas possibilidades que não se fecham em si mesmas, mas abrem novos caminhos para novos estudos. E ainda mais permite um diálogo com uma flexibilidade de alcance, já que o que se propõem é uma visualização do conhecimento apreendido por múltiplas interfaces do conhecimento acadêmico.

A personagem Calunga cria o diálogo com o físico, através da escultura, com o imaginário, através da ficção visionária, com o acadêmico, através do presente artigo. Sua aproximação com a disciplina arquitetônica por intermédio da compreensão de escala e de como essa vem sendo representada sem uma reflexão ao longo do tempo da própria ideia de representação humana na mesma (SILVA, 2016). Sem o questionar do que é o humano e para quem esse humano está sendo pensado, a resposta, claro já demonstrada, o homem caucasiano europeu (com um status social elevado).

## Reflexões

A aplicação da *black methodology* para a abordagem de temas que envolvem a realidade diaspórica das práticas acadêmicas, amplia as referências e as formas de produção de conhecimento para uma multiplicidade de textos. Entender a questão do corpo como não necessariamente subalternizado no sentido de objeto de estudo, mas como praticante e elemento fundamental para as práticas que ocorrem por meio dele, como aponta Haraway (1995). Assim a produção visa não apenas o texto acadêmico formal, mas esse como um diário das práticas de subversão do que se propõem como acumulação estética textual.

O texto escultórico é resultado da revisão e fundamentação teórica de múltiplos textos e referências de natureza da *black methodology* e seus desdobramentos sobrepostos são a própria forma. Mas a forma não se finaliza nela mesma, e sim faz parte de um conjunto de códigos e organizações que tem o intuito de explorar esse texto escultórico em diversos meios. Justamente esse atravessamento referencial tem como alusão um dicionário, codificado em certo sentido e sistematizado formalmente em outro. Essas referências se somam e se compõem em um texto único que visa a dinamização do que

é resultado de formas eurocêntricas combinadas as práticas apagadas no processo de subordinação.

Por fim como já mencionado o artigo científico surge como um diário, um manual que une todas as peças dessa autêntica abordagem miscelânea que não deixa de estar nos moldes da produção científica, mas que comprova que outras formas de praticar a produção de conhecimento existem e são até mais eficazes que as tradicionais. Tudo faz parte de uma única construção de conhecimento, a construção do conhecimento do corpo em diálogo com o mundo através das esquinas!

## Referências

- BARRETT, Sonia E. *Dreading the Map*. Londres: Royal Geographical Society. 2021.
- BRAND, Dionne. A Map to the Door of No Return: Notes to belonging. *Vintage Canada Edition*, Toronto, v.3, p. 1-11. 1953.
- GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. Tradução de H. T. Groke e K. P. Costa. *Revista Criação & Crítica*: São Paulo, n.1, p.53-55. 2008.
- GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.
- IMARISHA, Walidah. Re-escrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Tradução de J. Mombaça. *Fundação Bienal de São Paulo*: São Paulo. 2016.
- MCKITTRICK, Katherine. Dear April: The Aesthetics of BlackMiscellanea. *Antipode*, v.0, n.0, p. 1-16. 2021.
- OWUOR, Yvonne A. *Nome Swahili e Mapas-Poemas do Oceano*. The Funambulist n. 39, dez 2021. Entrevista concedida à Shiraz Bayjoo.
- SILVA, Cidinha. Direito à Cidade. *O Homem Azul do Deserto*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p.117.
- SILVA, Denise F. *O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo*. 2016.
- SILVA, Lúcia H. O.; XAVIER, Regina C. L. Pensando a diáspora Atlântica. *Revista História São Paulo*: Assis, n.37. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-4369e2018020>>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- SUMMER FLOWERS. Direção: Ilze Wolf. Wolff Architects. 2019. 1 filme (20:59 min), leg. color.